

Nesse segundo número dedicado às “epistemologias do sul” apostamos na composição de outros saberes, na verticalização da outridade como postura ética de ação e pesquisa. Ética e Composição como duplo em ampliação de potência.

Composição, também, como sinônimo de inventividade. Essa sinonímia escapa da definição de criação como ‘busca do novo’ e se territorializa como ato prático de potencializar outras formas de composição. Invenção, composição de outras maneiras, que escapem do que já está pronto, dado, estabelecido por relações de poder estáveis. A postura ética está na busca sempre instável de possíveis composições outras, que se intensifiquem e gerem escapes das normas e das relações de poder estabelecidas, que busquem outros processos possíveis de subjetivação coletiva, outras possibilidades de redes afetivas; enfim, não se fala de qualquer composição, mas aquelas em cuja ontogênese se possa gerar aquilo que Espinosa chama de Alegria.

A Alegria de Espinosa promulga uma só coisa: que todas as partes envolvidas na composição de corpos, nos encontros entre-corpos, ampliem a capacidade, sua potência de ação no mundo. Potência ampliada não só das partes da composição, mas do próprio ato. O processo de compor um outro corpo coletivo, a partir do encontro de corpos singulares, já deveria buscar gerar Alegria, ou seja, já deveria procurar ampliação de potência no mundo. Uma geração de Alegria pela Alegria de compor. Ora, se falamos de composição, de ontogênese de Alegria no próprio ato prático de composição, isto é, se falamos de processo composicional em Alegria, estamos longe de qualquer estabilidade, de qualquer certeza ou normatividade pré-estabelecida. Nessa ética da Alegria (processual, instável, incerta) uma norma só se cria e se estabelece no ato genético do jogo processual, e só dura nesse tempo poético. O telos composicional poético do atuador na eterna busca de Alegria, não somente é instável e incerto, mas também temporário. Pode-se pensar numa Zona Autônoma Temporário, uma TAZ, como diz Hakim Bey.

Outra questão é que essa Ética da Alegria, ou Ética da Inventividade Composicional, além de ser incerta, temporária, instável, e portanto, eternamente em crise, coloca o sujeito ético em estado de transformação de si. Qualquer ato ético, nesse território, compreende alteração de si e processos de subjetivação em fuga de qualquer si estável. Representar o outro deveria transformar a si a partir do outro – não ser o outro, mas representar o outro, nessa proposta, passa a ser a crise de si para possível geração de um outro de si. A ética da Alegria, no ato poético representacional, busca o que Deleuze chama de Devir-Outro.

Devir-outro continuando a ser o mesmo. Um devir-outro que ocasiona um devir-sensível, um estado-de-arte. E o devir-sensível é o ato pelo qual algo ou alguém não para de devir-outro, continuando a ser o que é.

Os textos que fazem parte desse volume da ILINX possuem essa ética da alegria em buscar compor outras potências a partir de uma visão decolonial.

Bom Apetite a Todos!